

Crítica Literária e Psicanálise

Literary Criticism and Psychoanalysis

Odiombar Rodrigues

Resumo

O início do século XX contribuiu para a crítica literária com as tendências sociológicas, de perspectiva marxista, e com a psicanálise. A partir de Freud uma nova visão se impõe, valorizando o inconsciente e atribuindo ao fenômeno literário um sentido de integralidade do ser humano. A crítica literária centrada na psicanálise passou por uma evolução muito importante que foi do deslocamento do foco de atenção do autor para o texto o que resultou numa maior objetividade e fidelidade ao fenômeno literário. Apesar das múltiplas tendências que a crítica psicanalítica abrange na contemporaneidade, o presente artigo mantém-se fiel à perspectiva freudiana.

Palavras-chave: crítica literária, psicanálise, Freud.

Abstract

The beginning of the XXth century contributed to literary criticism with the sociological tendencies, in a Marxist perspective, and with psychoanalysis. A new view is imposed by Freud when in his researches he values the unconsciousness and attributes a meaning of integrity of the human being to the literary phenomenon. The literary criticism centered in psychoanalysis has changed its focus of attention from the author to the text in itself, entailing a major objectivity and fidelity to the literary phenomenon. Despite the several approaches that the psychoanalytic criticism comprehends nowadays., this paper keeps faithful to the Freudian theory.

Key words: literary criticism, psychoanalysis, Freud.

A crítica literária, ao longo dos anos, esteve voltada para aspectos puramente lingüísticos e históricos, emitindo juízos de valor sem levar em conta o fenômeno humano envolvido no texto. Num primeiro momento, a crítica sociológica de inspiração marxista desloca o ponto de vista da crítica para a análise das questões sociais. Num segundo momento o pensamento freudiano passa a direcionar a crítica para uma investigação do inconsciente. Sem negar os valores estéticos e lingüísticos, surge uma crítica literária com base na teoria psicanalítica que, em muito, consegue contribuir para uma leitura mais ampla da obra literária.

A abordagem psicanalítica do texto literário tem sido um dos desafios mais intrigantes do campo da crítica. Esse fato ocorre em especial, por dois fatores: pelo consenso de que uma análise não deve ultrapassar os limites do texto; e pelo posicionamento crítico que, no passado, desviou o foco da análise do texto para o autor.

Observando a questão com imparcialidade, pode-se de imediato deduzir a origem de tal dificuldade. Freud encarou a literatura como um excelente campo de exemplificação de seus conceitos teóricos sobre psicanálise. Através de estudos sobre *Os irmãos Karamazov*, de Dostoie-

Odiombar Rodrigues é doutor em Literatura Brasileira - Ulbra.

Endereço para correspondência: Rua Santos Ferreira, 1180/126 - Canoas/RS

Textura	Canoas	n. 9	nov. 2003 a jun. 2004	p. 57-65
---------	--------	------	-----------------------	----------

vski, chegou a conclusões sobre o autor, assim também procedeu com Da Vinci, em relação à pintura, *Santa Ana, com a Virgem e o Menino*. Esse seu posicionamento foi modificado quando analisou *Gradiva* de Jansen.

Levando em consideração essas observações, deduz-se que Freud tem dois posicionamentos epistemológicos quanto à abordagem do texto literário: um, em que vê o autor através do texto; e outro, em que vê no texto uma exemplificação da teoria psicanalítica.

A caminhada de Freud, de um posicionamento a outro, resulta na passagem de uma crítica biográfica para uma crítica temática, o que resultará posicionamentos mais objetivos como a psicocrítica de Charles Mauron, o posicionamento lingüístico de Lacan e outras correntes contemporâneas.

No primeiro posicionamento freudiano, o texto literário equipara-se a outros sintomas denunciadores de patologias. Os elementos contidos no texto deixam de ser referência em relação a sua própria valorização e coerência interna, para serem usados na elucidação ou ilustração da personalidade do escritor. Nesse caso, o texto passa a explicar o autor, e a relação de coerência não se estabelece intratexto, mas extratexto. Seguindo essa linha freudiana, encontram-se trabalhos como de Ernest Jones que condiciona a crítica literária a uma relação entre texto e autor:

Comprovou-se que, com as criações poéticas, esse procedimento crítico não pode deter-se na obra de arte em si, isolá-la do seu criador e impor limites artificiais ao nosso entendimento dela. (JONES, 1970, p. 11).

O segundo posicionamento freudiano tem muitas semelhanças com o primeiro, uma vez que novamente a referência está fora do texto. A diferença reside no fato de que, dessa vez, ela não está no escritor, mas na teoria psicanalítica. A coerência do texto estará na relação que possa ser estabelecida entre ele e o corpo teórico da psicanálise. Nesse caso também é possível citar uma série de trabalhos que surgiram da busca, em textos literários, de exemplos para as mais diversas formas de neuroses, psicoses e outros “desvios” de comportamento.

O campo de relações entre literatura e psicanálise motiva-se por interesses distintos. O

interesse dos psicanalistas pela arte prioriza o estudo do artista sob a perspectiva clínica, enquanto que o interesse dos artistas pela psicanálise se amplia cada vez mais, tanto na busca e na identificação temas como na compreensão do processo de recepção do texto por parte do leitor. A psicanálise, ao propor uma nova dimensão do conhecimento do Homem e uma abordagem distinta das relações sociais, proporciona ao escritor um campo novo de criação. Ao crítico abrem-se de imediato novas perspectivas de compreensão do texto, uma vez que ele se instrumentaliza com um novo aparato teórico.

Cabe a Freud e seus seguidores o mérito de estabelecer o relacionamento entre a psicanálise, enquanto ciência, e a sua aplicabilidade ao fenômeno literário. O caminho aberto por ele é que permite estabelecer, em termos teóricos, uma relação entre a psicanálise e a literatura. Partindo assim de um conjunto teórico, torna-se possível a sua aplicação a obras literárias, evidenciando-se suas particularidades e demonstrando suas ligações com o mundo simbólico, tão universal quanto a própria psiquê do homem.

A partir de Freud, o crítico pode aproximar a interpretação dos sonhos à compreensão da trama do texto literário e o estudo das neuroses e psicoses à compreensão das personagens e seus comportamentos, bem como reavaliar a linguagem do texto literário sob a luz da psicanálise.

Anne Clancier resume a contribuição de Freud ao campo da crítica literária, determinando os caminhos deixados abertos pelo mestre vienense. Através dos estudos dedicados à Da Vinci e Dostoiévski, abre-se o caminho para os estudos centrados no autor. Pela elucidação dos processos inconscientes, Freud contribui para a compreensão do processo criativo. Sua teoria sobre o sonho, a fantasia, os chistes e o comportamento humano contribui decisivamente para uma explicação do ato criador do artista. Por outro lado, o caminho para a crítica literária abre-se na medida em que Freud oferece técnicas para o “deciframento” dos conteúdos latentes. Esse caminho leva a uma crítica com base na descoberta de significações, a uma crítica que se propõe decifrar o texto.

A perspectiva freudiana estende-se também a uma análise dos elementos intrínsecos



do texto. Nesse campo, sua contribuição dá-se em especial em três níveis:

a) o da interpretação dos símbolos, como reveladores de complexos fundamentais, para o indivíduo ou para a sociedade.

b) o das personagens, ao fornecer elementos novos para a compreensão do comportamento e das relações delas entre si;

c) o da linguagem, o caminho aberto por Freud é trilhado por Lacan que une o conhecimento lingüístico ao psicanalítico, possibilitando um posicionamento crítico a partir da palavra.

O posicionamento de Freud, que funda a análise do texto fora de seus próprios limites, criou escola e notabilizou-se entre os psicanalistas. Desde então a literatura passa a ser considerada como um campo fértil para exemplificações. Por parte dos críticos literários e escritores, esse procedimento tem sido visto com reserva, pelo fato de deslocar a análise do âmbito do texto, reduzindo a crítica literária à técnica psicanalítica, capaz de detectar perturbações de ordem psíquica.

Se, por um lado, os psicanalistas passam a valorizar tal procedimento, por outro, os críticos passam a desconfiar dele. Surge por isso a necessidade de um posicionamento que, sem desvirtuar o procedimento crítico da literatura, possa apoiar-se na psicanálise para uma melhor compreensão do texto literário. Esse procedimento de apoiar a crítica literária na teoria psicanalítica, sem com isto perder a objetividade da análise, tem sido uma constante busca por parte do crítico.

A dificuldade surge no momento de tomar um posicionamento epistemológico em relação à abordagem do texto literário. Apoian-do-se num quadro clínico das patologias apontadas pela psicanálise, tem-se a consideração de que a arte é uma manifestação dessas patologias, o que reduz o trabalho do crítico a uma busca de evidências sintomáticas de neuroses e psicoses, e o do escritor a um emissor, consciente ou inconsciente de perturbações psíquicas. Esse procedimento, que parte da psicanálise para a literatura, deixa a descoberto o espaço da crítica literária, que tem a função de elucidar o texto.

Charles Baudouin, seguindo a trilha de Carl Jung, procura socializar o conhecimento

psicanalítico, ao deslocá-lo do âmbito da individualidade. Ele define o papel da crítica como sendo de três ordens:

a) a que descobre os estímulos que a obra busca despertar;

b) a que procura evidenciar os complexos individuais ou sociais (Inconsciente Coletivo, de Jung), que motivam os símbolos contidos no texto;

c) a que descobre os processos sublimatórios que ocorrem no texto.

Nesse momento, surge como imperativa uma atitude de aproximação da psicanálise com os estudos do mito. A psicanálise, quando se afasta da perspectiva individualista do homem e o recoloca numa visão de conjunto na sociedade, começa sua caminhada em direção aos questionamentos no campo da cultura.

Na relação da psicanálise com a cultura, Freud inicia um caminho que fundamenta mais tarde trabalhos sobre psicologia das massas. A primeira constatação de Freud é a relação entre civilização e repressão, baseando-se em Freud, Norman Brown esclarece:

Sob a nova perspectiva freudiana, a essência da sociedade é a repressão do indivíduo, e a essência do indivíduo é a repressão de si mesmo. (BROWN, 1974, p. 17).

O posicionamento freudiano, sobre as relações entre neurose e história, encontra-se explícito nas obras *Totem e Tabu* e *Moisés e Mono-teísmo*. A passagem de uma teoria da história para uma teoria das neuroses passa obrigatoriamente pela compreensão do fenômeno religioso. Cita Freud:

Jamais duvidei que os fenômenos religiosos só possam ser compreendidos no modelo dos sintomas neuróticos do indivíduo. (idem, p. 27)

A afirmativa freudiana leva à questão da compreensão das religiões para o âmbito da individualidade. Esse posicionamento estabelece a religião como o elo entre a teoria das neuroses e a teoria da história. A religião surge aqui como o repertório do sagrado, o que situa o plano mítico (religioso) como eixo em torno do qual giram o indivíduo e a sociedade.

O indivíduo só terá compreensão, quan-



do situado dentro de um contexto social mais amplo. Os traços distintos do indivíduo só se tornam como tal, no momento em que são levados à comparação com os de outros indivíduos.

O mito deverá ser abordado aqui sob sua faceta de retorno, ou seja, o seu caráter cíclico. Esse retorno tem sempre uma função de busca “ab origine” de toda a verdade. O mito situa-se no todo, a sua verdade reside na totalidade, e nenhuma de suas partes, tomadas isoladamente, poderá revelar a verdade.

Na medida em que o mito permite a visão do todo e a psicanálise a visão da parte, a análise torna-se mais completa, pela interação entre o todo e a parte através do mito e da psicanálise.

Outro fator que deve ser levado em conta ao trabalhar com o mito é o fato de extrapolar as dimensões de tempo e espaço. O mito situa-se num tempo que é primordial, independente do tempo cronológico, e, a exemplo do tempo, o seu espaço é também sagrado. As coordenadas de tempo e espaço atribuem ao mito uma dimensão diferenciada da perspectiva profana sobre essas duas categorias.

Entre tantas conceituações de mito, a apresentada por Eliade, melhor se adapta aos propósitos do presente trabalho. Diz Eliade (1972, p. 11): “O mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio.”

O mito tem um caráter sagrado, é o relato de uma criação e está ligado aos seres sobrenaturais os quais participam de um espaço e um tempo diferentes dos da existência humana. Sobre esse aspecto Eliade manifesta-se na obra *Mito e Realidade*:

Embora os protagonistas dos mitos sejam realmente Deuses e Entes sobrenaturais, enquanto os dos contos são heróis ou animais miraculosos, todos esses personagens têm uma característica em comum: eles não pertencem ao cotidiano. (ELIADE, 1972, p. 13)

A cada dia torna-se mais importante um conhecimento profundo do mito, a fim de que se possa melhor entender o homem. Nessa tarefa de compreensão do Homem é que mito e psicanálise podem aproximar-se. Ambos buscam, num fundo comum e arcaico, as razões para o comportamento do homem; o mito numa história ancestral, coletiva e religiosa, enquanto

que a psicanálise mergulha no inconsciente na busca das razões pessoais da história do indivíduo. Não se pode também perder de vista que a psicanálise também não despreza uma perspectiva histórica e social do comportamento do homem.

Atingir um conhecimento dos mitos é atingir o próprio conhecimento da origem das coisas, é penetrar no segredo da criação de uma forma radical. A psicanálise participa dessa radicalidade, pois também está atenta a esse “fundo simbólico da humanidade.” A psicanálise aproxima-se do mito quando vê nele uma fonte inesgotável e inconsciente de razões para o comportamento humano.

O mito, como narrativa de uma ação primordial, antecede a história e a determina. Um povo constrói a sua história a partir de seus mitos. Sendo o mito essa narrativa radical e anterior à historicidade, pode-se afirmar que ela traz em si o processo de civilização. Para a psicanálise esse processo de civilização é a caminhada do homem em direção à auto-repressão que resulta na neurose ou na elaboração através da sublimação.

O contraponto que se estabelece entre neurose e sublimação é o campo limítrofe da produção artística. À crítica cabe a função de desvendar os mecanismos sublimatórios presentes no texto, bem como os processos de representação das neuroses, sem esquecer que o texto é uma criação de linguagem independente de seu criador.

O sonho é o reino do simbólico, e interpretá-lo é encontrar a chave da cada símbolo. O texto literário é constituído por um conjunto de símbolos. Daí decorre que, para compreendê-lo em sua essência, é necessário reconhecer e interpretar os símbolos nele contidos. Desse modo, sonho e texto literário relacionam-se pelo elemento comum entre eles: o símbolo.

Observando dessa maneira, evidencia-se o fato de que a relação sonho-texto é muito mais uma relação de conteúdos do que de processo. O campo comum entre literatura e psicanálise está principalmente no nível dos conteúdos, onde a sua contribuição é mais efetiva do que no campo da compreensão teórica da produção do texto.

A busca da gênese literária na estrutura psíquica do autor é uma tarefa que extrapola os



limites da crítica literária e o do campo da psicanálise aplicada, situando-se no nível clínico. Por essa razão é importante que a psicanálise sirva como recurso teórico para o crítico, sem perder de vista que sua função está direcionada ao texto e não ao autor.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud estabelece as bases para a compreensão do fenômeno onírico, e é a partir desse estudo que a produção literária pode ser interpretada psicanaliticamente. Não se deve esquecer que a intenção de Freud jamais foi de considerar a relação sonho-literatura como simétrica. O alerta para essa diferenciação parte de diversos estudiosos do assunto. José Guilherme Merquior (1980, p. 85) estabelece a gênese do pensamento Freudiano ao afirmar que “*Freud tomou a poesia como modelo do sonho, não o sonho como modelo do poético.*” Assim, sonho e poética identificam-se pelo processo de criação e conteúdos, mas, em momento algum, pode-se afirmar que haja uma identidade em termos de processo gerador.

O fazer poético, assim como os devaneios, mantém relação com o processo onírico. No caso da poética, o processo secundário assume papel importante, o que lhe garante uma coerência narrativa maior do que a do sonho.

Tanto no sonho como na produção literária pode-se identificar, em termos de conteúdos, os que são latentes, que só se revelam através de uma análise e os que são manifestos, que se expressam como presenças na narrativa.

Não se pode estabelecer também uma relação direta entre os conceitos ‘manifesto-latente’. O processo de produção do sonho pode encontrar paralelo na produção literária, porém é o clima onírico que se busca desvendar no texto.

Esse clima onírico revela-se pelo uso de símbolos que trazem em si conteúdos manifestos e latentes. Todo símbolo no texto literário é plurissignificativo; mesmo quando ele se apresenta ao crítico como um significado unívoco, ele traz uma outra significação mais profunda, e só uma leitura acurada pode torná-lo compreensível. Assim como o sonho, o texto traz, muitas vezes, um conteúdo manifesto, facilmente identificável, mas que, por sua vez, encobre um conteúdo latente bem mais expressivo.

Contrariando muitas tendências críticas, pode-se afirmar que o verdadeiro sentido de

um texto não está nele, mas na compreensão dos símbolos que ele contém e que apontam para elementos extratextuais. O texto assim entendido torna-se um corpo de referências, cujos referentes se encontram fora de seus limites, em muitos casos. Por outro lado, não se pode considerar essa relação como arbitrária, pois só se chega a seus referentes a partir de referências fornecidas pelo texto.

Considerando o texto como um signo gerador de referências, está-se seguro da objetividade de sua abordagem psicanalítica, uma vez que, amparado num repertório teórico e técnico, fornecido pela psicanálise, e trabalhando sobre referências fornecidas pelo próprio texto, o crítico restringe a sua ação aos limites da objetividade e do rigor científico.

A imagem que surge no texto não pode ser considerada como unívoca em sentido. O seu conteúdo manifesto é expresso num plano sintagmático e só estará pleno de sentido no momento em que for cotejado com o seu conteúdo latente, que se encontra à espera de decifração, no plano do sistema a que a imagem o remete.

Como formas simbólicas, temos tanto as imagens, como as palavras. Se até certo tempo a palavra e a imagem foram consideradas indissociáveis, devemos, no entanto, distingui-las como dois fenômenos independentes, embora a imagem possa corresponder a uma representação verbal, bem como essa será sempre uma força geradora, capaz de evocar uma imagem.

O texto literário é uma representação verbal que, originariamente, foi imagem na mente do escritor e que, na leitura, transforma-se em imagens na mente do leitor, coincidentes ou não com aquelas que ocorram ao autor.

Assim como o escritor que elabora as imagens de acordo com o seu mundo simbólico e as expressa conforme o seu desempenho lingüístico, o leitor também reconhecerá as imagens de acordo com o seu mundo simbólico e as decodificará de acordo com as suas experiências existenciais e de leituras.

A leitura passa a ser a descoberta desses dois mundos simbólicos que se refletem na obra: o do escritor e o do leitor. A dificuldade para a crítica literária está em, mantendo a objetividade, penetrar no texto e tornar manifesto o conteúdo que ele encerra de forma latente. O esta-



belecimento de relação entre esse conteúdo e o escritor implica uma atitude de analista, o que excede os limites do crítico literário. Por outro lado, a relação entre os conteúdos do texto e o leitor é uma questão de individualidade, pois cada um terá uma reação pessoal diante de uma determinada obra, nem o crítico está imune a essa subjetividade, como alerta Cyro Martins (1970, p. 17): “... esse trabalho não se realiza com a frieza afetiva com que procede um físico no seu laboratório.”

O engajamento do crítico com a obra e o autor dá-se na base de uma identificação projetiva e conforme Cyro Martins (1983, p. 40):

... o investigador psicanalítico ou o crítico literário se deixam inundar pelas ressonâncias contratransferenciais em re-lação à obra e ao autor.

O caminho, portanto, torna-se difícil para um posicionamento objetivo. Cabe ao crítico, nesse sentido, assumindo os riscos da subjetividade, buscar no texto os indícios capazes de possibilitar a interpretação que atenda às exigências da objetividade.

A obra literária, sob o ponto de vista psicanalítico, funciona como um espelho, onde autor e leitor se miram. O autor projeta sobre o espelho uma imagem que só será entendida pelo leitor, ao reconhecer, consciente ou inconscientemente, traços que lhe são familiares. A obra literária é um espelho que reflete imagens que só são percebidas quando os traços subjetivos do leitor se confundem com os projetados pelo escritor.

Não se pode esquecer que o poeta, e por extensão o artista, é um fingidor, conforme alerta Fernando pessoa. Portanto, muitas vezes, a imagem que se encontra no espelho pode não ser a do escritor, mas sim uma projeção elaborada por ele e estruturada para despertar no leitor aqueles traços que o autor deseja ver espelhados na sociedade. Por isso a análise literária não se poderá restringir a um código preestabelecido, que permitiu transferir significados desse para o texto como ocorre no campo semiológico. Jean Bellemin-Noël estabelece um deslocamento do plano da tradução para o da interpretação:

Não é menos verdade que essa equivalência, que funda a teoria do signo (e os empreendimentos

semiológicos), não tem valor na ordem do símbolo e que é preciso renunciar a traduzir para interpretação. (BELLEMIN-NOËL, 1983, p. 55).

O caminho para penetrar no conteúdo latente do texto encontra no trabalho do psicanalista um parâmetro de ação para o crítico. A busca metodológica dá-se na própria história da psicanálise, sendo as pesquisas de Freud a referência teórica mais importante.

Para penetrar no inconsciente, Freud, num primeiro momento, usou a técnica da hipnose. Com o tempo, abandonou-a em favor das associações livres. Em princípio, essa técnica consistia em induzir o analisado a falar livremente sobre suas situações traumáticas. Como é natural, nem sempre isto pode ocorrer, uma vez que há bloqueio por parte do ego, quer consciente ou inconsciente. Dessa forma a associação passa a ser usada como um relato geral, desvinculado dos traumas do paciente, o que torna a psicanálise mais genérica, uma vez que não se concentra num único foco narrativo.

A partir da associação livre, desvinculada de um foco principal, o analista seleciona os motivos que mais o interessam e desenvolve o trabalho sobre eles. Abandonando uma visão unilateral da questão e partindo para uma visão integral do paciente, a psicanálise ganhou em termos de globalidade na interpretação da personalidade do indivíduo.

Bruno Bettlheim chama a atenção para a impropriedade da denominação “associação livre” uma vez que, a rigor, não podemos adjectivar como livre as associações, pois elas estão sempre condicionadas por algum estímulo, não lógico, mas aleatório. Cabe, nesse caso, à psicanálise tarefa de estabelecer relação entre o enunciado presente e o enunciado associado, descobrindo nessa relação os conteúdos inconscientes. Apesar dessa advertência do autor, resta manter a terminologia “associações livres” por dois motivos: primeiro, pelo seu já tradicional uso; segundo, por não ser pertinente a esse trabalho a busca terminológica.

J. Laplanche e J. B. Pontalis (1986, p. 71) alertam para a dificuldade de compreensão da expressão “associação livre” elucidam quatro dificuldades principais através das seguintes observações:

a) mesmo quando a associação se dá a par-



tir de um termo, ela continua sendo considerada como livre devido ao fato de que a sua seqüência não se dá através de qualquer controle ou seleção;

b) quando não é oferecido um termo inicial, associação acentua o seu caráter de liberdade;

c) o sentido atribuído ao adjetivo “livre” não é de indeterminação, mas sim uma eliminação da elaboração consciente do pensamento;

d) a eliminação da seleção voluntária dos pensamentos, permite o surgimento de uma ordem e seqüência do inconsciente.

No caso da literatura, a técnica das associações livres é de máxima importância para a revelação de conteúdos latentes no texto. Para tanto, urge um desvinculamento da seqüência narrativa e dos símbolos como elementos integradores da análise. Dessa forma se estabelece a prioridade dos elementos simbólicos¹ sobre as personagens e as ações.

Ao lado da descrição e funções das personagens, pode-se analisar os símbolos, trazendo ao texto e à compreensão da própria personagem alguns traços novos e importantes de sua estrutura psíquica.

Ao analisar um símbolo através de suas associações, deve-se levar em conta não só o seu aspecto mórfico, mas, principalmente, as suas relações temporais, espaciais e os símbolos circundantes no texto.

Nesse caso, a crítica literária de base psicanalítica evidencia a sua distinção em relação à psicanálise clínica. Enquanto naquela as relações são elaboradas aprioristicamente, no momento da criação, nessa as associações ocorrem no momento da análise, isto é, enquanto uma é a descoberta de um processo já ocorrido, a outra é a análise da própria ocorrência do processo.

Para o crítico, apresenta-se um quadro acabado, que não pode ser modificado ou sofrer evoluções, muito menos conferido com novas testagens. Para o psicanalista, não há esse limite, ele está diante de um processo dinâmico, com o qual ele joga na busca de novas significações.

¹ O termo simbólico está sendo usado na acepção freudiana, uma vez que se considera a relação significante-significado, tanto por seus aspectos de conteúdo como mórficos, ao contrário de Lacan que considera essa relação como sendo secundária frente à estrutura do sistema simbólico.

Anne Clancier (1976, p. 24) expõe essa conclusão da seguinte maneira:

El critico parte pues, del orden, y si no quiere atenerse a él, puede, por medio de las variantes o por otro documento, superar el desorden; el analista parte de un desorden, pero si no quiere detenerse él, le es preciso superar el orden que gobierna en secreto esse desconcierto.

A seqüência de imagens que surgem no texto, independentemente das personagens a quem estão vinculadas, forma um discurso coerente e revelador, uma vez que articula toda a narrativa, evidenciando um conteúdo latente.

Para se atingir esse nível, é necessário que se estabeleça, por primeiro, os traços formadores do quadro geral da personagem, levando-se logo após os elementos simbólicos repetitivos, bem como as suas associações obsessivas. Esse tratamento crítico dado ao texto aproxima o presente trabalho das pesquisas de Charles Mauron. Porém, o caminho seguido por Charles leva a uma etapa de transferência dos conflitos descobertos no texto à projeção da personalidade do escritor. Nesse momento o presente trabalho perde o seu compromisso com a psicocrítica, pois a tarefa do crítico finda nos limites do texto, cabendo daí por diante ao analista, investido de outros recursos, estabelecer relações entre os conteúdos da obra e o mundo psíquico do autor.

O texto poderia, quando muito, apontar para alguns mitos pessoais existentes, identificando e descrevendo-os. Isto situa-se muito longe da fala reveladora do paciente diante do analista. A fala do texto, por mais inconsciente que possa parecer, já tomou letra de forma, passando por um crivo lingüístico, estético e de conteúdos. Mesmo diante do conjunto de obras do escritor, que poderia revelar alguns mitos pessoais, deve-se ter em mente que essas revelações podem ter passado por processos diversos como a sublimação e a denegação, bem como todo o “não dito.”

Seria uma atitude um tanto reducionista partir para uma identificação do texto com o autor, bem como a crítica literária deixaria de ser reveladora de múltiplas faces de uma obra para se tornar a descrição do processo de revelação do complexo edipiano. Nesse sentido o



escritor e psicanalista Cyro Martins chama a atenção:

Assim, os estudos psicanalíticos de obras de ficção e de arte em geral, que se restringem à busca dos conteúdos pulsionais, numa perigosa simplificação, correm o risco grave de se notorizarem, pela repetição dos eternos achados. (MARTINS, 1983, p. 33).

Muitos críticos deixam-se levar por uma aventura de descobertas no campo da psicanálise, encontrando em cada texto uma revelação do escritor. Alfredo Naffah Neto traz uma contribuição importante no momento em que estabelece um deslocamento da relação texto-escritor para a relação texto-leitor.

De fato, uma coisa é tomar Édipo-rei como uma tragédia capaz de evocar, no espectador moderno, emoções ligadas ao complexo de Édipo recalçado - isto é até provável - outra coisa é interpretar Édipo-rei pela noção de complexo de Édipo. Da constatação psicanalítica há, pelo menos, uma importante reviravolta teórica. (NETO, 1985, p.8).

Procurando não ceder a um 'psicanalismo,' com a conseqüente atitude reducionista, esse trabalho procura-se manter no campo da crítica literária, deixando para os especialistas na área da psicanálise a tarefa de estabelecer relações, tradicionalmente aceitas, entre escritor e obra.

Outra categoria importante para análise do texto e que estabelece uma relação entre psicanálise e literatura é a do narrador. A observação apurada dos processos, pelos quais o narrador intervém no texto, é fundamental, tanto para a compreensão da personagem como para a criação de um texto supra-segmental que, paralelo ao enunciado, propõe uma outra narrativa.

Para estabelecer os diferentes níveis de abordagem do texto, há necessidade de levar em consideração a presença do narrador e da personagem. São eles os dois protagonistas que procedem à organização da trama do texto, permitindo assim que a fábula se presentifique. O uso da terminologia dos formalistas russos torna-se providencial, por especificar a questão do processo de tecitura da narrativa como revelador dos conteúdos. Os elementos latentes de um texto só chegam ao leitor quando esse per-

cebe que a trama deixa de ser considerada apenas como elemento constitutivo do texto para se tornar significativa, no plano dos conteúdos.

É partindo desse princípio que questões como seqüência temporal, organização espacial e toda uma gama de elementos dêiticos tornam-se reveladores de um conteúdo mais profundo do texto, ao lado de outros como:

- a) narrador;
- b) personagens;
- c) símbolos.

A interdependência entre os elementos da trama e da fábula é muito grande para uma proposta de leitura com base psicanalítica. O ensinamento freudiano é exemplar na importância que deve ser dada a certos elementos formais, que, muitas vezes, passam despercebidos pelo leitor sem uma formação psicanalítica.

Assim como certos detalhes formais são importantes, torna-se relevante também, no estudo das personagens, uma atenção sobre aquelas que, muitas vezes, não detêm o papel principal na fábula. Assim como no sonho, o deslocamento se dá, em especial, para os elementos periféricos, residindo aí o conteúdo principal da elaboração onírica. Na narrativa, muitas vezes, um forte conteúdo está com uma personagem secundária.

Outra questão importante também é que, além desse deslocamento, o texto apresenta uma condensação, onde a personagem não pode ser considerada como acabada e isolada. O texto como um todo é um projeto mais ambicioso em que está latente uma personagem maior, não explícita no processo narrativo, mas que o leitor tem condições de construir, ao juntar elementos caracterizadores e simbólicos que estão dispersos em personagens diversas e no próprio narrador. Nesse sentido, o narrador é também uma grande personagem que detém um conteúdo que ele revela não só pela fala, mas também através das palavras das personagens.

O mundo simbólico que se organiza a partir da fala do narrador, em especial na descrição de ambientes, é profundamente significativo para uma análise do texto. Esse processo de análise tem que levar em consideração não só a fala da personagem, mas também a ação, e, em especial, os elementos simbólicos que aí surgem.

Recorrer a depoimentos do autor não dei-



xa de ser um mecanismo redutor e convincente, porém, no propósito do presente trabalho, não seria o caminho mais seguro. Como a proposta é chegar a um desvendamento dos recursos do romance na produção de efeitos sobre o leitor, percebe-se que o caminho mais adequado é o próprio texto.

Encerrar este texto não é por um ponto final na discussão. Na verdade, é estabelecer o diálogo para que, no confronto de idéias, possam surgir novos posicionamentos e novas metodologias para a abordagem do texto literário sob uma perspectiva psicanalítica.

REFERÊNCIAS

- BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e literatura*. São Paulo: Cultrix, 1983
- BROWN, Norman Oliver. *Vida contra morte*. O sentido psicanalítico da história. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1974.
- CLANCIER, Anne. *Psicoanálisis, literatura, crítica*. Madrid: Ediciones Cátedra. 1976.
- FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana*. Lisboa: Editorial Estúdios Cor. s/d Idéias e formas (6).
- _____. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975
- _____. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Escritores criativos e devaneios*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O Moisés de Miguel Ângelo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *A inquietante estranheza*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Dostoiévski e o parricídio*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- JONES, Ernest. *Hamlet e o complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise* 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARTINS, Cyro. *A criação artística e a psicanálise*. Porto Alegre: Sulina, 1970.
- _____. *Perspectivas do humanismo psicanalítico*. Porto Alegre: Sulina, 1973.
- _____. *O mundo em que vivemos*. Porto Alegre: Movimento, 1983.
- MERQUIOR, José Guilherme. *O fantasma romântico e outros ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- NETO, Alfredo Naffah. *O inconsciente - um estudo crítico*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios (31).



